Das coisas do campo

Universidade Estadual de Campinas

Reitor
Fernando Ferreira Costa

Coordenador Geral da Universidade
Edgard Salvadori De Decca

Conselho Editorial

Presidente
Paulo Franchetti

Christiano Lyra Filho – José A. R. Gontijo
José Roberto Zan – Luiz Marques
Marcelo Knobel – Marco Antonio Zago
Sedi Hirano – Silvia Hunold Lara

Comissão Editorial da coleção LVMINA

Antonio da Silveira Mendonça – Flávio Ribeiro de Oliveira
Luiz Marques – Paulo Sérgio de Vasconcellos – Trajano Vieira

MARCO TERÊNCIO VARRÃO

Das coisas do campo

Matheus Trevizam
Tradução, introdução e notas

Edição bilíngue

EDITORA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Varrão, 116-27 a.C.
V434d Das coisas do campo / Varrão; tradução, introdução e notas: Matheus Trevizam. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

1. Literatura latina. 2. Literatura técnica. 3. Agricultura. I.Trevizam, Matheus. II. Título.

CDD 870
470
ISBN 978-85-268-0998-7 338.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura latina 870
2. Literatura técnica 470
3. Agricultura 338.1

Título original: *De re rustica*

Copyright © by Matheus Trevizam
Copyright © 2012 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Para o professor doutor Paulo Sérgio de Vasconcellos
e meus pais

Diuina natura dedit agros, ars humana aedificauit urbes.
(Marcus Terentius Varro — *De re rustica* III, I, 4)

SUMÁRIO

Nota introdutória à tradução do *De re rustica* 11

Marcus Terentius Varro: *De re rustica* 16

Marco Terêncio Varrão: *Das coisas do campo* 17

Liber I 18

Livro I 19

Liber II 126

Livro II 127

Liber III 206

Livro III 207

Obras de referência 279

NOTA INTRODUTÓRIA À TRADUÇÃO DO *DE RE RVSTICA**

A proposta de publicação de uma tradução desta natureza em língua portuguesa e, sobretudo, fora dos círculos eruditos do "Velho Mundo" demanda, sem dúvida, explicações ao leitor brasileiro. Desse modo, sem o intento de aprofundar em um estudo de fato abrangente[1] os sentidos do gesto de escritura varroniano identificado com o *De re rustica*, apresentaremos sucintamente, nas linhas seguintes, algumas coordenadas mínimas para a situação do autor e desse texto na cultura romana antiga.

Sobre o cavaleiro Varrão de Reate[2], trata-se do maior erudito romano dos tempos de Caio Júlio César, a que sobrevive com ditosa fortuna[3]. Sua vida, como, de resto, não era incomum na Antiguidade, contrabalança iniciativas no campo da ação prática e das letras: apenas em rememoração de alguns pontos-chave da carreira política varroniana, sabemo-lo a pender para o partido de Pompeu Magno desde, pelo menos, o consulado desse último, quando,

* A edição latina seguida foi a seguinte: Cato e Varro. *On agriculture*. Trad. inglesa por H. D. Hooper e H. B. Ash. Cambridge, Mass.; Londres, Harvard University Press, 2006 (1934).

1 A melhor introdução geral à obra que conhecemos, características literárias inclusas, permanece o estudo de Heurgon (*Économie rurale*) à edição do livro primeiro do *De re rustica* publicada pela Société Les Belles Lettres (cf. Obras de referência). Cf. também J. I. C. Salmerón. "Introducción al 'De rerum rusticarum'", in Varrón. *Rerum rusticarum libri III*. Trad. e comentários de José Ignacio Cubero Salmerón. Sevilha, Junta de Andalucía, 2010, pp. 10-37.

2 Por cavaleiro, neste contexto, entendemos o equivalente do latim *eques*, ou seja, um membro da segunda ordem social romana em privilégios após os patrícios.

3 Varrão nasceu em 115 a.C. e morreu, talvez, em 27 a.C.

para instruí-lo nos deveres do ofício, dedicou-lhe um *Isagogicum ad Pompeium*[4]; dele, ainda, Varrão recebeu, como comandante da esquadra romana situada entre a Sicília e a ilha de Delos, a incumbência de zelar pelo extermínio dos piratas na guerra que se moveu em 67 a.C.[5].

Durante as guerras civis, com a brusca eclosão do confronto entre César e Pompeu, Varrão (a princípio, ainda vinculado ao segundo) encontrava-se no comando da Espanha Ulterior. É conhecida a história da total entrega da província a César após ter recebido a notícia de seus recentes sucessos: o próprio general narra em seu *Bellum ciuile*, irônico, que Varrão, naquele momento, *se quoque ad motus Fortunae mouere coepit*[6]. De todo modo, a plena derrota dos pompeanos em Farsália (48 a.C.) acabou por torná-lo mais um dos agraciados pela clemência de César, que o designou diretor de Biblioteca em Roma e protegeu, admirado, pelo menos até o famoso evento dos idos de março de 44 a.C.[7].

O plano das armas e da política, de que o autor se retirou inteiramente depois do desastre de Farsália, no entanto, não correspondeu ao foco central de sua existência. Desde jovem, assim, entrevemos sua educação letrada pelas mãos do "estoico" Élio Estilão, de quem terá, talvez, assimilado o gosto duradouro pela etimologia[8]. Em prosseguimento do caminho formador dos romanos mais abastados, por outro lado, Varrão também teve contato, em Atenas, com os saberes do filósofo eclético Antíoco de Ascalão, antes de tornar a Roma já aos 35 anos de idade[9].

Na Cidade, desde então, pôde aliar, como anunciávamos há pouco, a passagem pela esfera pública a, sobretudo, seu pronunciado amor pelos es-

---

4 Cf. F. Della Corte. "Letterati di parte pompeiana", *Opuscula Francesco Della Corte*, vol. XIII. Gênova, Publicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1992, p. 37.

5 Cf. F. Della Corte. *Varrone — Il terzo gran lume romano*. Gênova, Istituto Universitario di Magistero, 1954, pp. 67-79.

6 Cf. César. *La guerre civile*, vol. I. Texto estabelecido e trad. por Pierre Fabre. Paris, Les Belles Lettres, 1987 (1936): II, XVII. "Também começou a remar conforme a maré" (minha tradução).

7 Nessa data, sabemos, Júlio César foi assassinado por intriga senatorial; sobre as atribuições de "bibliotecário" de Varrão por sua proteção, cf. Della Corte, *Varrone...*, p. 217.

8 Cf. A. R. Guerreira. "Literatura técnica de la época republicana. La prosa técnica", in C. Codoñer (org.), *Historia de la literatura latina*. Madri, Cátedra, 2007 (1997), p. 766.

9 Idem, op. cit., p. 767.

tudos: São Jerônimo, assim, que lhe cataloga a espantosa produção, noticia nela 600 livros[10], em cobertura a tópicos tão distintos quanto a linguagem, a "agronomia", a história, a filosofia, a geografia, o direito, a retórica, a dialética, a geometria, a aritmética, o teatro... A grande obra "linguística" varroniana permanece para nós, modernos, o agora parcialmente mutilado *De lingua Latina*, em que o autor abordou morfologia, sintaxe e etimologia do latim[11]; de seus escritos filosóficos, ou, antes, *teológicos* no caso aqui em pauta, importa ressaltar os livros das *Antiquitates rerum diuinarum*, nos quais, em tentativa de salvar do esquecimento ou da adulteração as velhas crenças do povo de Roma, Varrão ofereceu sobre o paganismo explicações fundamentais para todos os que procuraram compreendê-lo de fins da Antiguidade em diante, como Agostinho de Hipona[12] e Sérvio Honorato, comentador de Virgílio no século IV da era cristã[13].

O *De re rustica*, que agora apresentamos, pelo que temos notícia, em tradução brasileira inédita, é a obra do autor mais bem conservada para a posteridade: exceto prováveis lacunas em meio a ele[14], chega-nos integral. O todo da obra, composto, talvez, ao longo de dilatado período da vida do autor, mas que recebeu demão derradeira, informa-nos ele próprio na *praelocutio* do livro I, quando já contava oitenta anos[15], identifica-se com três diálogos de tema agrário, respectivamente dedicados à agricultura, à pecuária e à miúda criação animal nas cercanias das casas-sede (*uillae*) dos antigos *fundi rustici* romanos.

---

[10] Idem, op. cit., p. 766.

[11] Cf. Varrón. *De lingua Latina*. Introdução, trad. e notas de Manuel-Antonio Marcos Casquero. Barcelona, Ánthropos; Madri, Ministerio de Educación y Cultura, 1990.

[12] Santo Agostinho cita-o muito frequentemente, sobretudo, n'*A Cidade de Deus*, como a propósito de documentar-se sobre os três tipos de religião estabelecidos pelo Reatino, a dos filósofos, a cívica e a dos poetas (*De ciu. Dei*, IV, 27 — cf. G. Boissier. *Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron*. Paris, Hachette, 1861, p. 205).

[13] Cf. Boissier, op. cit., p. 209 (*in Aen*., XI, 787).

[14] Faltam, talvez, partes do início do capítulo segundo do livro II, pois Varrão e Cossínio começam bruscamente a interagir após a *praelocutio*, o que nos priva de saber, por exemplo, onde se dá a dramatização do diálogo.

[15] *De re rustica* I, I 1: *Annus enim octogesimus admonet me ut sarcinas conligam, antequam proficiscar e uita*. "Pois meus oitenta anos exortam-me a entrouxar a roupa antes de partir da vida" (minha tradução).

Nesses diálogos — pois estamos diante de obra pertencente ao *Aristotelius mos*[16] — personagens como o próprio Varrão, Fundânio, seu sogro, e mesmo Tremélio Escrofa, verdadeiro autor de "agronomia" daqueles tempos[17], pronunciam-se tecnicamente sobre tópicos atinentes a cada um dos grandes domínios técnicos previstos. Sem descurar do intento prático de tornar o *De re rustica* um guia para o proprietário romano de terras[18], ainda, o autor imprime dramaticidade e elaboração artística[19] a um texto em que não faltam, à parte as controvérsias despertadas por um estilo diverso do padrão clássico da escrita latina[20], bom-humor[21], leveza expositiva, *uariatio* e notável erudição[22]. Não será, portanto, indevido estender-lhe o alcance receptivo para muito além do público hodierno especificamente interessado em inteirar-se das práticas camponesas na Roma de fins da República...

A elaboração desta tradução deu-se em etapas, já que se origina de desdobramentos de uma parte de nossa tese de doutorado, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp em inícios de 2006; naquela ocasião, tivemos a oportunidade de traduzir em primeira versão o livro inicial do *De re rustica*, apondo notas. Do segundo semestre de 2008 ao primeiro de 2010, em projeto desenvolvido na Faculdade de Letras da Uni-

---

16 Correspondem a tal espécie dialógica antiga — muitas vezes, contraposta ao "diálogo socrático" — a fala das personagens em longas tiradas, sem serem interrompidas pela maiêutica, a presença do autor como personagem que, muitas vezes, conduz a argumentação e a presença dos prefácios ao início de cada livro, ou subdivisão, das obras (cf. R. Laurenti. "Introduzione", in Aristotele. *I frammenti dei dialoghi*, vol. I. Sob os cuidados de R. Laurenti. Nápoles, Loffredo Editore, 1987, pp. 41-73).

17 Cf. R. Martin. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris, Les Belles Lettres, 1971, pp. 237 ss.

18 Cf. J. E. Skydsgaard, *Varro the scholar — Studies in the first book of Varro's "De re rustica"*. Copenhagen, Einar Munksgaard, 1968, p. 90.

19 Cf. A. Traglia. "Le 'Res rusticae' di Varrone come opera letteraria", *Cultura e scuola,* nº XCIV. Roma, 1985, pp. 89-97.

20 Cf. E. de Saint-Denis. "Syntaxe du latin parlé dans les 'Res rusticae' de Varron", *Revue de Philologie*, ano e tomo XXI. Paris, 1947, pp. 141-62.

21 Cf. S. Agache. "Construction dramatique et humour dans le 'Traité d'agriculture' de Varron", in M. Trédé e P. Hoffmann, *Le rire des anciens — Actes du colloque international (Université de Rouen, École Normale Supérieure, 11-13 janvier 1995)*. Paris, Presses de l'École Normale Supérieure, 1998, pp. 201-30.

22 Cf. M. Trevizam. "A atenção de Varrão às palavras no livro III do 'De re rustica'", *Humanitas*, vol. LXIII. Coimbra, pp. 355-71, 2011.

versidade Federal de Minas Gerais (Fale–UFMG) com recursos do Programa de auxílio para a pesquisa dos doutores recém-contratados (Pró-Reitoria de Pesquisa [PRPq.], UFMG), cuidou-se no mesmo sentido do livro seguinte; a prorrogação de tal projeto de pesquisa no contexto interno da Fale–UFMG, já sem os recursos supracitados da PRPq., por sua vez, favoreceu que elaborássemos a versão inicial, traduzida, do terceiro e último livro da obra.

Enfim, uma derradeira revisão pôde ser efetuada no todo, com substancial melhora e inclusão de notas, durante os 11 meses em que permanecemos em estágio pós-doutoral na Universidade de Paris IV/Sorbonne (agosto de 2011 a julho de 2012), como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e sob supervisão científica do professor doutor Carlos Lévy.

Ao longo desse percurso, contamos com o precioso auxílio de colaboradores e amigos, que seria impensável esquecer: além das agências de fomento mencionadas (sem cujo apoio financeiro, na realidade, este projeto jamais poderia dar-se por realizado!), cabem aqui sinceros agradecimentos à nossa instituição de trabalho, Faculdade de Letras da UFMG, por disponibilizar-nos condições propícias à pesquisa; ao professor doutor Paulo Sérgio de Vasconcellos — a quem também dedicamos a tradução em mostra de reconhecimento —, exímio mestre das línguas latina e portuguesa, que nos tem, tantas vezes, de bom grado socorrido para a elucidação dos mais labirínticos pontos do latim (*gratias magnas!*); ao professor doutor Carlos Lévy, pelo grande saber e atento olhar para nosso caminho de pesquisador; à colega helenista, professora doutora Tereza Virgínia Barbosa, e a Manuela Barbosa, pela carinhosa amizade (particularmente, a Manuela, pelo zelo com a primeira formatação do texto latino de Varrão); enfim, a meus familiares, pelo apoio incondicionalmente oferecido: em especial, a minha irmã Raquel, pela ajuda com a informática.

Marcvs Terentivs Varro:
De re rvstica

Marco Terêncio Varrão:
Das coisas do campo

LIBER I

I. Otium si essem consecutus, Fundania, commodius tibi haec scriberem, quae nunc, ut potero, exponam cogitans esse properandum, quod, ut dicitur, si est homo bulla, eo magis senex. Annus enim octogesimus admonet me ut sarcinas conligam, antequam proficiscar e uita. Quare, quoniam emisti fundum, quem bene colendo fructuosum cum facere uelis, meque ut id mihi habeam curare roges, experiar; et non solum, ut ipse quoad uiuam, quid fieri oporteat ut te moneam, sed etiam post mortem. Neque patiar Sibyllam non solum cecinisse quae, dum uiueret, prodessent hominibus, sed etiam quae cum perisset ipsa, et id etiam ignotissimis quoque hominibus; ad cuius libros tot annis post publice solemus redire, cum desideramus, quid faciendum sit nobis ex aliquo portento; me, ne dum uiuo quidem, necessariis meis quod prosit facere. Quocirca scribam tibi tres libros indices, ad quos reuertare, siqua in re quaeres, quem ad modum quidque te in colendo oporteat facere. Et quoniam, ut aiunt, dei facientes adiuuant, prius inuocabo eos, nec, ut Homerus et Ennius, Musas, sed duodecim deos Consentis; neque tamen eos urbanos, quorum imagines ad forum auratae stant, sex mares et feminae totidem, sed illos XII deos, qui maxime agricolarum duces sunt. Primum, qui omnis fructos agri culturae caelo et terra continent, Iouem et Tellurem; itaque, quod ii parentes magni dicuntur, Iuppiter pater appellatur, Tellus terra mater. Secundo Solem et Lunam, quorum tempora obseruantur, cum quaedam seruntur et conduntur. Tertio Cererem et Liberum, quod horum fructus maxime necessari ad uictum; ab his enim cibus et potio uenit e fundo. Quarto Robigum ac Floram, quibus propitiis

LIVRO I

I. Se eu vivesse no ócio, Fundânia[1], com mais comodidade escreveria a ti aquilo que agora exporei como puder e julgando que devo apressar-me, pois, como se diz, se o homem é como uma bolha, ainda mais um velho. Pois meus oitenta anos[2] exortam-me a entrouxar a roupa antes de partir da vida. Então, já que compraste uma propriedade, desejas torná-la produtiva cultivando-a bem e pedes que eu me digne a cuidar do assunto, vou arriscar-me a fim de instruir-te no que é preciso fazer não só enquanto vivo, mas também depois de minha morte. Não admitiria que a Sibila[3] não só profetizou o que fosse útil aos homens enquanto vivesse, mas ainda o que o fosse depois de sua morte e mesmo aos homens mais desconhecidos (aos livros dela, depois de tantos anos, costumamos recorrer oficialmente quando queremos saber como agir diante de algum prodígio), e eu não fizesse sequer enquanto vivo o que é útil para meus amigos. Por isso, escreverei a ti três livros de consulta aos quais possas voltar, se procurares saber nessa matéria como e o que, ao cultivar, é preciso fazer. Já que, como dizem, os deuses auxiliam os que o fazem, eu os invocarei primeiro e não, como Homero e Ênio[4], as Musas, mas os doze deuses[5] de primeira grandeza; contudo, não os urbanos, cujas imagens douradas se erguem junto ao foro[6], seis divindades masculinas e seis femininas, mas aqueles doze deuses, que são, sobretudo, guias dos agricultores. Primeiro, os que abrangem todos os frutos da agricultura com o céu e a terra, Júpiter e *Tellus*[7]; e assim, já que são chamados de grandes pais, que Júpiter seja chamado de "pai" e *Tellus* de "mãe Terra". Em segundo lugar, o Sol e a Lua, cujas fases são observadas quando se planta ou armazena algo. Em terceiro, Ceres e Líber[8], já que seus frutos são extremamente necessários à sobrevivência, pois deles provêm o alimento e a bebida da propriedade. Em quarto, Robigo[9] e Flora[10], por cujo benefício a

neque robigo frumenta atque arbores corrumpit, neque non tempestiue florent. Itaque publice Robigo feriae Robigalia, Florae ludi Floralia instituti. Item aduener or Mineruam et Venerem, quarum unius procuratio oliueti, alterius hortorum; quo nomine rustica Vinalia instituta. Nec non etiam precor Lympham ac Bonum Euentum, quoniam sine aqua omnis arida ac misera agri cultura, sine successu ac bono euentu frustratio est, non cultura. Iis igitur deis ad uenerationem aduocatis ego referam sermones eos quos de agri cultura habuimus nuper, ex quibus quid te facere oporteat animaduertere poteris. In quis quae non inerunt et quaeres, indicabo a quibus scriptoribus repetas et Graecis et nostris.

Qui Graece scripserunt dispersim alius de alia re, sunt plus quinquaginta. Hi sunt, quos tu habere in consilio poteris, cum quid consulere uoles, Hieron Siculus et Attalus Philometor; de philosophis Democritus physicus, Xenophon Socraticus, Aristoteles et Theophrastus peripatetici, Archytas Pythagoreus; item Amphilochus Atheniensis, Anaxipolis Thasius, Apollodorus Lemnius, Aristophanes Mallotes, Antigonus Cymaeus, Agathocles Chius, Apollonius Pergamenus, Aristandros Atheniensis, Bacchius Milesius, Bion Soleus, Chaeresteus et Chaereas Athenienses, Diodorus Prieneus, Dion Colophonius, Diophanes Nicaeensis, Epigenes Rhodius, Euagon Thasius, Euphronii duo, unus Atheniensis, alter Amphipolites, Hegesias Maronites, Menandri duo, unus Prieneus, alter Heracleotes, Nicesius Maronites, Pythion Rhodius. De reliquis, quorum quae fuerit patria non accepi, sunt Androtion, Aeschrion, Aristomenes, Athenagoras, Crates, Dadis, Dionysios, Euphiton, Euphorion, Eubulus, Lysimachus, Mnaseas, Menestratus, Plentiphanes, Persis, Theophilus. Hi quos dixi omnes soluta oratione scripserunt; easdem res etiam quidam uersibus, ut Hesiodus Ascraeus, Menecrates Ephesius. Hos nobilitate Mago Carthaginiensis praeteriit, poenica lingua qui res dispersas comprendit libris XXIIX, quos Cassius Dionysius Vticensis uertit libris XX ac Graeca lingua Sextilio praetori misit; in quae uolumina de Graecis libris eorum quos dixi adiecit non pauca et de Magonis dempsit instar librorum VIII. Hosce ipsos utiliter ad VI libros redegit Diophanes in Bithynia et misit Deiotaro regi. Quo breuius de ea re conor tribus libris exponere, uno de agri cultura, altero de re pecuaria, tertio de uillaticis pastionibus, hoc libro circumcisis rebus, quae non arbitror pertinere ad agri culturam. Itaque prius ostendam,